

Cesta básica bate recorde

Um dos principais símbolos da estabilidade econômica, a cesta básica atingiu, na última quinta-feira, R\$ 167,70, o maior valor desde julho de 1994, quando foi editado o Plano Real. O que, no entanto, mais chamou a atenção dos técnicos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), órgão responsável pela coleta de dados, foi a brusca subida dos preços dos produtos que compõem a cesta no mês: 4,69%. Essa alta representa 78% do aumento acumulado no ano, de 6,01%. A justificativa para essa arrancada foi o encarecimento dos alimentos.

Os números deixam estarrecida a aposentada Maria da Silva Marin, 70 anos, moradora de Laguinga e freqüentadora da Feira do Rex. Ela não se informa quando lê nos jornais informações de que a inflação está sob controle, mas só vê seu poder de compra encolher. "Está cada vez mais difícil comprar tudo o que quero", diz. "Todas as semanas pago mais pelas mesmas coisas", reclama Maria, e já baixa o tom de voz para dizer que sua renda mensal é de apenas R\$ 200. "Em uma semana, pago R\$ 1 a mais pela dúzia da batata", protesta. E isso está acontecendo com todos os produtos", diz o vendedor de bananas Erivaldo Ribeiro da Silva, 32, confirma: "Tive que salgar o preço porque o produtor também aumentou na fonte."

A dona de casa Zélia Maria da Silva, 56, passou a conferir, de barraca em barraca, os preços dos produtos que compra na feira. Antes dos preços subirem, tinha os vendedores certos. Apesar da pesquisa intensa, teve de pagar 50% a mais pelo quilo do tomate, que passou de R\$ 1 para R\$ 1,50 nos últimos 15 dias. Trata-se de um reajuste muito maior que o coletado, em média, no Brasil pelo IBGE, de 10,10%, entre 13 de julho e 13 de agosto.

A única boa notícia para os consumidores, em meio à disparada dos preços, vem do Ministério da Agricultura: começa a entrar no mercado a safra brasileira do trigo, que pode evitar novos reajustes do pãozinho, do macarrão e dos biscoitos. (VN e ML)